Diário de bordo

# Sete bilhões! E daí?



Roberto Rodrigues*

HÁ POUCAS semanas, a Organização das Nações Unidas anunciou que o número de habitantes da Terra chegara a sete bilhões.

E, imediatamente, alguns discípulos de Malthus começaram a anunciar o iminente fim da paz e da democracia, com o crescimento do número de famintos e desesperados. Por sorte, a academia ligada à agropecuária no mundo todo já se deu conta de que este problema – o de alimentar os atuais sete bilhões e os outros dois bilhões que chegarão até 2050 – não é insolúvel. E centenas de autores se lançaram à agradável tarefa de equacioná-lo.

Por outro lado, também é preciso estar atento a dois temas recorrentes. O primeiro é que a fome não é resultado da escassez de alimentos: ela se deve à falta de condições aquisitivas de milhões de cidadãos, hoje estimados em um bilhão. Com efeito, cerca de dois bilhões de terráqueos vivem hoje com menos de dois dólares por dia!

O segundo é o tema ambiental. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a produção de alimentos terá de dobrar até 2050. E é claro que boa parte desta produção adicional terá de vir de novas áreas de cultivo, hoje eventualmente cobertas de savanas, cerrados, campinas etc. É um desafio, embora se acredite que grande parte do aumento da produção será resultado de maiores produtividades agrícolas, com a incorporação de tecnologias conhecidas ou novas, e que custaram dinheiro.

Esta questão ambiental veio para ficar e precisa ser encarada com muita seriedade por países do mundo todo; incorpora um subitem, importantíssimo, que é o adequado uso da água, um bem que só se valoriza quando escasseia.

Portanto, a solução para o problema da fome passa por duas ações governamentais claras:

- renda para o produtor comprar tecnologia;
- renda para o consumidor comprar alimento.

No primeiro caso, há uma obviedade: sem renda, os produtores rurais deixam a atividade. E esta renda tem de ser obtida com tecnologias que garantam a preservação dos recursos naturais. Parece fácil difundir conhecimento, mas não é. E há um espaço enorme. Basta olhar para o Brasil, cujo progresso técnico no campo foi espetacular nos últimos anos, com um grande aumento de produtividade que nos coloca em igualdade de condições com os melhores produtores do mundo em soja, algodão, cana, café e outros produtos. No entanto, nossa produtividade média de milho é de 4.000 kg/ha, enquanto nos Estados Unidos é de 9.600 kg/ha. Só neste produto, temos muito a ganhar. E a tecnologia já existe, sendo necessário encontrar o caminho adequado para sua utilização universal. Nossa produtividade é maior que a da África e a da América Latina, e todos podem crescer, bem como em outros produtos como arroz, trigo e feijão. Ainda no tema renda, a questão da liberação do comércio, com redução de subsídios dos ricos, é fundamental. Os subsídios devem cumprir a função de garantir a sobrevivência dos produtores dos países ricos, mas não podem distorcer os preços do mercado global. Basta ficarem confinados na "caixa verde".

Quanto a uma política de renda urbana, o Brasil tem um bom exemplo, representado pelo Bolsa Família. Em vez de dar subsídios que distorcem o mercado aos produtores, o governo brasileiro subsidiou o consumo de 12 milhões de famílias de baixa renda. Como resultado, a demanda por alimentos cresceu, exigindo maior produção, um mercado firme. Isso gera mais empregos, a massa salarial cresce, e o Bolsa Família pode ir sendo desativado com o tempo. E a classe média já terá crescido.

Tudo isso pode ser copiado por outros países em desenvolvimento, um circulo virtuoso no qual ninguém perde.

E, em janeiro próximo, um brasileiro, José Graziano da Silva, será o novo diretor-geral da FAO. Teremos então a chance de levar nossos programas agrícolas e de abastecimento para todo o mundo tropical.

Com isso, podem vir mais milhões de terráqueos. ■

*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal